

Alienação do trabalho em Marx: dos *Manuscritos de 1844* a *O capital*¹

Mônica Hallak²

Resumo:

Neste artigo pretende-se resgatar as reflexões de Marx acerca da alienação do trabalho presentes de forma desenvolvida nas análises de *O capital*, a partir da prospecção dos caminhos da mercadoria, e em expressões incipientes em escritos anteriores, notadamente nos *Manuscritos de 1844*. Assim, propõe-se neste texto argumentar em favor da continuidade e aprofundamento da abordagem da alienação do trabalho como tema central em Marx desde 1844 até o fim da vida.

Palavras-chave: alienação; exteriorização da vida; mercadoria.

Alienation of work in Marx: from the 1844 Manuscripts to Das Kapital

Abstract:

This paper aims at rescuing Marx's reflections on the alienation of labor, as thoroughly developed in *Das Kapital*, considering the discussions on commodity, and in incipient expressions in earlier writings, most notably in the Manuscripts of 1844. Thus, this text proposes to develop arguments that aim to attest the continuity and deepening of the approach to the alienation of labor as a central theme in Marx from 1844 to his very last days.

Key words: alienation; exteriorization of life; commodity.

¹ Revisado por Vânia Noeli Ferreira de Assunção.

² Doutora, professora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG).
Endereço eletrônico: monicahallak@uol.com.br.

A certa altura do livro *Marxismo e teoria da personalidade*, Lucien Sève desabafa:

como é possível ler em *O capital*, por exemplo, as páginas dedicadas à distinção entre trabalho concreto e abstrato, o valor da força de trabalho e a taxa do salário, a divisão do trabalho e a manufatura capitalista, o efeito do dinheiro nas relações mercantis, a extorsão do mais-valor absoluto e relativo, a lei geral da acumulação capitalista etc., até as últimas páginas dedicadas às classes sociais, sem compreender que se trata de indivíduos humanos para além de categorias econômicas? (SÈVE, 1972, p. 136).

A indignação pode se manifestar de forma ainda mais direta quando se pergunta como é possível ler *O capital* sem entender que Marx trata da forma como os homens se organizam para produzir e reproduzir sua existência. Como desde as primeiras páginas de *O capital*, ao apresentar a mercadoria, o que se evidencia é a independência do produto em relação aos produtores, a questão da alienação está posta, de saída, sem que Marx faça menção explícita a ela.

Não obstante, a categoria da alienação é comumente considerada um tema menor nos escritos do chamado Marx maduro. Ela, no entanto, nunca esteve ausente nas reflexões do autor e, mais do que isso, o que se pretende mostrar aqui é que é ela o centro das preocupações de Marx quando redige *O capital*. Ou seja, mesmo não mencionando explicitamente o termo alienação do trabalho a todo momento, o esforço de Marx, em *O capital*, é o de expor as condições nas quais a produção se realiza na sociedade que se organiza em função do valor.

Iniciaremos nossas reflexões com o texto de Marx em que a questão da alienação aparece abertamente: o conjunto de anotações conhecido como *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844* (MEF). Nestes rascunhos, na verdade, podem-se encontrar, no mínimo, quatro categorias associadas à questão da alienação do trabalho. *Entäusserung* e *Entfremdung* (traduzidos respectivamente por *alienação* e *estranhamento*) aparecem nos *Manuscritos*³ como categorias ligadas aos aspectos subjetivos do complexo da objetivação humana na forma social atual. Este complexo, quando abordado de forma abstrata, sem considerar as circunstâncias concretas de sua realização, é apresentado por Marx por uma terceira expressão, a *Lebensäusserung*, traduzida por exteriorização da vida. Menos frequente nos *Manuscritos de 1844* é o uso do termo *Veräusserung* – venda, ou alienação em troca de algo.

³ A análise dos *Manuscritos econômico-filosóficos* é uma síntese do exposto em artigo anterior (cf. HALLAK, 2001).

Ao considerar os aspectos gerais da produção, tal como Marx os tematiza nos MEF⁴, destaca-se, antes de qualquer outra coisa, o caráter relacional de toda a objetividade, presente desde logo nos fenômenos da natureza. Mas, imediatamente, Marx situa a distinção da objetividade humana, que se afirma reproduzindo o homem como ser social, pois a própria relação com a natureza se realiza a partir do vínculo entre os homens. É na vida social que os homens produzem sua individualidade, seus sentidos, as relações de produção, as relações entre eles, suas necessidades e recriam a própria natureza.

Nas passagens dos *Manuscritos de 1844* em que os aspectos gerais da sociabilidade são apresentados, é evidente a ausência da categoria da alienação [*Entäusserung*]. Ela aparece associada ao processo de objetivação em outros momentos do texto, especialmente quando se trata da crítica à *Fenomenologia* de Hegel⁵ e a alguns aspectos da economia política. Para Marx, aliás, essas duas abordagens colocam-se sob o mesmo ponto de vista: concebem "o trabalho como a essência do homem que se afirma a si mesmo", mas só veem "o lado positivo do trabalho, não seu lado negativo" (MARX, 1972, p. 133; 1985, p. 574; 2004, p. 124).

Por parte de Hegel, essa compreensão do trabalho apenas em seu lado positivo se apoia na sua concepção do homem como "ser *não-objetivo, espiritualista*" (MARX, 1972, p. 133; 1985, p. 575; 2004, p. 125). Para Hegel, o movimento por excelência da vida humana é o movimento do espírito que se baseia na superação da consciência por parte da autoconsciência.

De acordo com Marx, quando se trata do ser objetivo a autoalienação é o assentamento de um mundo real sob a forma da exterioridade, ou seja, como algo distinto de si, como um ser objetivo diante de outro ser objetivo. A autoconsciência, por seu turno, por meio de sua alienação põe "apenas a coisidade, isto é, apenas uma coisa abstrata, uma coisa da abstração, e não uma coisa efetiva", pois todo movimento se desenvolve na consciência.

Contrapondo-se a Hegel, portanto, Marx se utiliza dos termos do seu interlocutor para demonstrar que o homem como ser objetivo assenta suas forças objetivas no objeto concreto, real, exterior, atualizando suas forças objetivas em algo fora de si, o que se dá mediante a alienação do sujeito na versão hegeliana.

⁴ Mantive nas citações a tradução da edição francesa e incluí a paginação da edição alemã e da tradução brasileira, para facilitar o cotejamento. Portanto, a referência a 1972, é da edição francesa, 1985, da alemã, e 2004, da brasileira.

⁵ A crítica a Hegel tem amparo em Feuerbach, indubitavelmente. Mas, apesar da reconhecida influência feuerbachiana, Marx supera o naturalismo presente no autor de *A essência do cristianismo* já em 1844, como demonstra Rodrigo Alckmin em sua pesquisa (cf. ALCKMIN, 2003).

A alienação aparece nesses trechos situando a contraposição entre "assentamento de um mundo real sob a forma da exterioridade" e a alienação da autoconsciência que põe apenas a coisidade, uma coisa da abstração.

Não se trata, portanto, de uma identificação entre objetivação e alienação. Ao contrário, Marx busca situar a distinção do movimento real, que se passa no mundo objetivo, daquele descrito por Hegel, que se desenvolve no pensamento.

Do lado da economia política, Marx denuncia que o trabalho é considerado apenas produtor da riqueza exterior. Na primeira parte do III Manuscrito, em que analisa a doutrina fisiocrática, Marx afirma que com a fisiocracia "a essência subjetiva da riqueza transfere-se para o trabalho" (MARX, 1972, p. 81; 1985, p. 532; 2004, p. 101), pois com ela "a terra somente é para o homem mediante o trabalho, mediante a agricultura" (MARX, 1972, p. 81; 1985, p. 532; 2004, p. 101). Este é o lado positivo da doutrina, que representa um avanço em relação ao mercantilismo, "que não conhecia outra existência da riqueza senão o metal nobre" (MARX, 1972, p. 82; 1985, p. 532; 2004, p. 101).

A terra, segundo tal doutrina, é ainda o único objeto sobre o qual o homem se exterioriza, libera suas energias essenciais ou, na versão da economia política, produz riqueza; e, desta maneira, a matéria natural aparece como uma fonte de riqueza maior que o próprio trabalho.

Por isso, Marx afirma que para os fisiocratas somente "propriedade fundiária se converte em homem alienado [*entäusserten*]" (MARX, 1972, p. 82; 1985, p. 532; 2004, p. 101), ou seja, em homem que objetiva suas forças essenciais no objeto, na riqueza exterior. Mas somente a terra é objeto de apropriação e exteriorização de suas forças essenciais e, portanto, sua objetivação enquanto homem está limitada "por um elemento natural particular" (MARX, 1972, p. 82; 1985, p. 532; 2004, p. 101). Consequentemente, é ainda uma alienação determinada, particular do homem. Marx evidencia, além disso, que "a essência da riqueza não é, pois, um trabalho *determinado*, um trabalho ligado a um elemento particular, uma determinada manifestação do trabalho, mas sim o trabalho em geral" (MARX, 1972, p. 82; 1985, p. 532; 2004, p. 101). O que significa efetivamente que toda objetividade é, em potencial, objeto da exteriorização humana (ou, para os economistas, da produção de riqueza) e que os produtos desta exteriorização se diferenciam cada vez mais do objeto natural. Em síntese, a alienação, como aparece nos trechos relacionados acima, diz respeito ao trabalho como produtor da riqueza exterior, que é o modo pelo qual ele é compreendido pela economia política.

Ainda no debate com os economistas, Marx resgata a relação entre o trabalhador e o produto do trabalho como ponto de partida para a análise da produção atual. Ele identifica a relação do trabalhador com o produto como uma relação de alienação, na qual o produto não somente assume uma existência externa como também torna-se um poder autônomo em relação ao trabalhador. Essa relação manifesta uma tendência proporcionalmente antagônica entre eles. O primeiro se empobrece cada vez mais e o segundo se torna cada vez mais poderoso. Esta crescente divergência de sentido acaba por levá-los a se estranharem mutuamente, transformando a vida que o trabalhador deu ao objeto numa força hostil e estranha. Nessa análise, Marx se refere aos aspectos específicos da produção atual em que a objetivação humana se realiza como alienação, ou seja, como produção da riqueza exterior, e se volta contra o homem que produz.

Para Marx, a economia política "só vê o lado positivo do trabalho" porque "*não consolida a relação direta entre o trabalhador (trabalho) e a produção*" (MARX, 1972, p. 59; 1985, p. 513; 2004, p. 82).

Vê-se, portanto, que a aproximação entre as categorias objetivação e alienação só corresponde à análise de Marx, nos *Manuscritos*, quando ele se reporta à crítica a Hegel e, de forma distinta, aos economistas. Ambos, guardadas as devidas diferenças, consideram o trabalho atual a forma universal da atividade humana. Os economistas partem explicitamente da produção atual, considerando-a eterna; Hegel pretende voltar-se para a reprodução espiritual como *locus*, por excelência, da afirmação do homem. Mas Marx demonstra que toda a tematização hegeliana está pautada na produção atual e, assim sendo, Hegel universaliza a alienação como forma de o homem se relacionar com a objetividade exterior e consigo mesmo.

Marx, de modo distinto, situa que a alienação é, de fato, atualmente, a forma de o homem se relacionar com sua produção, mas, para ele, a objetivação, tomada como forma geral de o homem se autopor, não tem semelhança necessária com a alienação. Contudo, partindo da forma contemporânea de o homem se produzir, ele encontra não só uma relação de alienação, mas de inversão e antagonismo.

A alienação [*Entäusserung*], portanto, aparece como momento constitutivo da *produção atual*, visto que nela "o objeto produzido pelo trabalho, seu produto, o afronta como *ser estranho* [*fremdes Wesen*], como um poder *independente* do produtor" (MARX, 1972, p. 57; 1985, p. 511; 2004, p. 80). Nessa situação a efetivação do trabalho "aparece como *desefetivação* do trabalhador, a objetivação como *perda e servidão dos objetos*, a apropriação como *estranhamento* [*Entfremdung*], como alienação [*Entäusserung*]" (MARX, 1972, p. 57; 1985, p. 512; 2004, p. 80).

Este é o ponto de partida da análise de Marx no I Manuscrito, na qual pretende esclarecer as interconexões que a economia política (que ele havia investigado anteriormente) não consegue identificar. Para tanto, busca na relação imediata entre produtor e produto o passo inicial que vai levá-lo a demonstrar que, ao contrário do que acreditam os economistas, a “*propriedade privada* é (...) o resultado, a consequência necessária do *trabalho alienado* [*entäusserten*], da relação exterior [*äusserlichen*] do trabalhador com a natureza e consigo mesmo” (MARX, 1972, p. 67; 1985, p. 519; 2004, p. 87). Ele chega, portanto, à propriedade privada como resultado “da análise do conceito de trabalho alienado [*entäusserten*], ou seja, do homem alienado [*entäusserten*], do trabalho tornado estranho [*entfremdeten*], da vida tornada estranha [*entfremdeten*], do homem tornado estranho [*entfremdeten*]” (MARX, 1972, p. 67; 1985, p. 520; 2004, p. 87).

Pode-se dizer que, de acordo com as passagens acima, o trabalho alienado é anterior ao estranhamento. Não cronologicamente, nem de fato, mas *analiticamente*, como diz Marx. Ele identifica o trabalho alienado como relação exterior do trabalhador com a natureza e consigo mesmo e afirma que a propriedade privada é, primeiramente, fruto do homem alienado e, em seguida, também “do homem tornado estranho”. O homem, o trabalho, a vida tornam-se estranhos a partir da alienação do produto e da atividade. Nesse sentido, a propriedade privada é o produto da atividade humana apartada do homem.

Marx demonstra, assim, que a propriedade privada é consequência do trabalho alienado, afirmando, no entanto, que “mais tarde essa relação se transforma em ação recíproca” (MARX, 1972, p. 67; 1985, p. 520; 2004, p. 88). E acrescenta:

Só no derradeiro ponto de culminação de desenvolvimento da propriedade privada que o mistério que lhe é próprio reaparece, a saber, por um lado, que ela é produto do trabalho alienado [*entäusserten*] e, por outro, que ela é o meio pelo qual o trabalho se aliena [*entässert*], a realização da alienação [*Entäusserung*]. (MARX, 1972, p. 67; 1985, p. 520; 2004, p. 88)

A propriedade privada (estranhamento) surge, portanto, no interior deste processo, mas não é inerente a ele. Segundo Marx: “Quando se fala em propriedade privada pensa-se ter se ocupado de algo exterior ao homem. Quando se fala em trabalho, ocupa-se diretamente do próprio homem. Esta nova forma de colocar a questão já implica sua solução.” (MARX, 1972, p. 67; 1985, p. 520; 2004, p. 88) O trabalho alienado é, portanto, a gênese da propriedade privada, enquanto esta é o seu produto necessário, já que ele se realiza como exterioridade em relação ao homem. Desse modo, pode-se dizer, que utilizar “*Entfremdung*, *Entäusserung*” é uma forma de exprimir um movimento que tem no estranhamento

[*Entfremdung*] sua expressão concreta e atual, e na alienação [*Entäusserung*] seu ponto de partida. Segundo Marx, a partir da relação exterior entre produto, produtor e produção se processa a relação de antagonismo entre eles.

Sem dúvida, trata-se aqui daquilo que Chasin (2009) reconheceu como a terceira crítica ontológica que instaura o pensamento próprio de Marx. Com efeito, distinguindo-se das interpretações correntes, que concebem a análise marxiana como síntese entre filosofia hegeliana, socialismo francês e economia política clássica, Chasin demonstra, por meio do exame rigoroso dos textos (cartas, esboços, artigos etc.) do período de 1841 a 1847, que a abordagem do filósofo alemão se constrói como resultado de três críticas ontológicas, a saber: a crítica à política, à especulação hegeliana e, finalmente, à economia política. Nas duas primeiras, Marx inverte a relação determinativa entre estado e sociedade civil e entre pensar e ser, respectivamente, enquanto na terceira situa o trabalho alienado como origem da propriedade privada, invertendo o polo de determinação da economia clássica. É exatamente o que Marx realiza no I Manuscrito: a denúncia de que a “economia política parte do fato da propriedade privada”, sem explicá-lo, ao passo que ele demonstra, analiticamente, a gênese da propriedade privada na atividade humana considerando tal relação no processo de produção material atual.

A partir dessa compreensão, Marx denuncia a operação efetuada por Adam Smith, que coloca o homem sob a determinação da propriedade privada, ao incorporá-la a ele. A economia política, portanto, converte o homem em essência da propriedade privada. Assim, a propriedade privada, que “antes era ser-exterior-a-si [*Sichäusserlichsein*], alienação [*Entäusserung*] real do homem, converteu-se apenas em ato de alienação [*Entäusserung*], em venda [*Veräusserung*]” (MARX, 1972, p. 80; 1985, p. 531; 2004, p. 100).

Na versão dos economistas, portanto, em sua atividade sensível os homens apenas realizam a atividade da propriedade privada por meio da *venda*. Sabe-se já que o trabalho alienado produz a exterioridade propriedade privada, ou que, pela alienação do trabalhador, a propriedade privada é produzida enquanto ser exterior ao homem. Mas, para os economistas, que reconhecem o trabalho como “essência subjetiva da riqueza no interior da propriedade privada”, a alienação do trabalhador que produz um ser exterior a si não é mais que uma atividade da própria propriedade privada em seu movimento de se autopor: é o ato de alienação da propriedade privada, é *venda*.

Desse modo, a venda é o meio pelo qual os homens se relacionam e o seu trabalho se produz no interior do domínio da propriedade privada,

na medida em que a apropriação da objetividade exterior se realiza na relação de compra e venda.

O termo *Veräußerung* – venda – aparece nas anotações de 1844 apenas em dois momentos. Além do descrito acima, na abordagem sobre o dinheiro, Marx conclui: “a força divina do dinheiro repousa em sua essência enquanto ser genérico, estranhado [*entfremdeten*], alienante [*entäussernden*], na qual o homem se vende [*veräussernden*]. O dinheiro é a capacidade [*Vermögen*] alienada [*entäusserte*] da humanidade” (MARX, 1972, p. 122; 1985, p. 565; 2004, p. 159). Como veremos adiante, em *O capital* a categoria *Veräußerung* ocupará o espaço dominante na exposição acerca da alienação.

Em resumo, pode-se dizer que, nos *Manuscritos* de 1844, *Entäusserung* e *Entfremdung* não são simplesmente sinônimos⁶.

⁶ Essa diferença não passou despercebida a autores mais cuidadosos. Entre eles, Mészáros, em seu *Marx: teoria da alienação*, afirma: “Em alemão, as palavras *Entäusserung*, *Entfremdung* e *Veräußerung* são usadas para significar ‘alienação’ ou ‘alheamento’. *Entäusserung* e *Entfremdung* são usadas com muito maior frequência por Marx do que *Veräußerung*, que é, como Marx a define, ‘*die Praxis der Entäusserung*’ (a prática da alienação) ou, em outro trecho, ‘*Tat der Entäusserung*’ (o ato da alienação). Assim *Veräußerung* é o ato de traduzir na prática (na forma da venda de alguma coisa) o princípio da *Entäusserung*. No uso que Marx faz do termo, ‘*Veräußerung*’ pode ser intercambiado com ‘*Entäusserung*’ quando um ‘ato’ específico ou uma ‘prática’ específica são referidos (...). Tanto *Entfremdung* como *Entäusserung* possuem uma tripla função conceitual: a) a referida a um princípio geral; b) expressão de um estado de coisas dado, e c) indicação de um processo que domina esse estado. Quando a ênfase recai sobre a ‘externalização’ ou ‘objetivação’, Marx usa a palavra *Entäusserung* (ou palavras como *Vergegenständlichung*), ao passo que *Entfremdung* é usada quando a intenção do autor é ressaltar o fato de que o homem está encontrando oposição por parte de um poder hostil, de sua própria criação.” (MÉSZÁROS, 1981, p. 281, nota 3) José Paulo Netto se reporta à citação acima, chamando a atenção para o problema: “Não me deterei aqui nos importantes aspectos filológicos que envolvem a terminologia que comparece no tratamento e na colocação do problema [da alienação]. No que concerne ao emprego, por Marx, em 1844, de *Entäusserung*, *Entfremdung* e *Veräußerung* (traduzidos preferentemente por alienação e também por estranhamento) remeto simplesmente à observação de Mészáros.” (NETTO, 1981, p. 18 – nota) Lucien Sève, em *Análises marxistas da alienação*, referindo-se especificamente às obras de maturidade de Marx, pondera que, “quanto à significação específica de cada um dos termos que compõem este vocabulário da alienação, creio ser possível avançar com prudência, pois trata-se de uma questão das mais complexas, a seguinte hipótese geral. As palavras da família de *äusser*, externo, exterior, marcadas por esta significação de base, são na maior parte das vezes empregadas por Marx quer para designar a simples desapropriação de um bem pelo ato de venda (em regra geral: *Veräußerung*), quer para anotar o processo mais profundo de tornar-exterior, quanto processo separante, opondo mesmo as coisas, ou as relações e as formas enquanto tomam a feição de coisas. Aí está um primeiro aspecto da concepção madura da alienação: com o vocabulário de *Entäusserung*, estamos essencialmente no terreno da reificação, da autonomização e da esclerose das formas em relação à sua essência, do fetichismo. Sobre este ponto é característico que na *Contribuição*, onde ainda só o movimento das mercadorias e do dinheiro é tratado, aparece unicamente o vocabulário da *Ver* – e do *Entäusserung*. As palavras da família de *fremd*, estrangeiro, também marcadas por esta significação de base, até pela presença no contexto próximo da própria palavra, *fremd* (por exemplo, na expressão constante: *fremde Arbeit*, trabalho de outrem) introduzem uma outra dimensão da alienação: a das relações entre as pessoas, os indivíduos sociais, que encobrem as relações entre as *classes*. Com o

Tampouco aparecem como categorias contrapostas. A *Enttäusserung* se refere mais diretamente a uma relação de separação, enquanto a *Entfremdung* traduz uma relação de antagonismo. Ambas, no entanto, compõem o movimento do trabalho humano que se exerce no interior da propriedade privada. Portanto, nem uma nem outra aparecem como uma necessidade do trabalho. Mas o antagonismo, expresso por Marx como *Entfremdung* – estranhamento, surge da separação que ele identifica como *Enttäusserung* – alienação. Neste contexto, a *Veräusserung* – venda – seria uma categoria mediadora entre a exteriorização que se realiza como alienação e o estranhamento, ou seja, a venda transforma a exteriorização da vida [*Lebensäusserung*] em alienação da vida [*Lebensentäusserung*] (MARX, 1972, p. 90-1; 1985, p. 539; 2004, p. 108)⁷, duas expressões contrapostas.

Ora, são esses precisamente os termos encontrados nos rascunhos de 1857-8, nos de 1861-3 e no primeiro livro de *O capital*, que vem a público 23 anos depois da redação dos *Manuscritos* de 1844. Na obra publicada pela primeira vez em 1867, a categoria *Veräusserung* adquire um espaço maior, mas sempre no sentido de transformar a exteriorização da vida em alienação/estranhamento por meio da venda. Mas, para além do uso dos mesmos termos, em *O capital*, a questão da alienação aparece de forma multifacetada e, ao mesmo tempo, unificadora. Se nos *Manuscritos de 1844* o ponto de partida para tratar da especificidade da forma capitalista de produção é a relação do trabalhador com o produto do trabalho, agora a mercadoria assume o posto de ponto de partida ainda mais concreto. É pelo produto mais evidente da atividade humana na forma social atual que Marx trilha o caminho do pensamento para alcançar o conjunto analítico que caracteriza a especificidade da forma social de produção na atualidade. Note-se que já nos *Manuscritos de 1844* a referência inicial da análise é uma situação evidente por si, algo que aparece imediatamente aos sentidos: a relação do trabalhador com o produto do trabalho. Em 1844, a análise da produção começa com a relação do trabalhador com o produto. Só após mais de 20 anos de lapidação a mercadoria passa a ser apresentada como o ponto de partida concreto capaz de oferecer a chave para o desvelamento de sua própria

vocabulário de *Entfremdung* estamos no terreno da desapropriação, do despojamento, da sujeição dos homens aos produtos da sua atividade tornados força estranha e tomando a forma da dominação de uma classe exploradora. Apreendemos ao vivo o elo ao mesmo tempo semântico e teórico entre *fremd* e *Entfremdung* que caracteriza o processo de alienação enquanto este afeta os homens.” (SÈVE, 1975, p. 77)

⁷ O tradutor brasileiro da edição da Boitempo Editorial (2004) teve dificuldade com o trecho em que Marx utiliza os termos *Lebensäusserung* e *Lebensentäusserung* como expressões contrapostas. Como o tradutor optou por verter *Enttäusserung* por exteriorização, as duas expressões aparecem como sinônimos, o que torna a frase incompreensível.

criação. É enquanto forma dual, valor de uso e valor, que ela se oferece como dado atual incontornável para a compreensão da forma capitalista de produzir a vida.

No primeiro capítulo de *O capital*, ao detalhar a especificidade da mercadoria, o trabalho abstrato aparece como responsável pelo fato de a mercadoria ser passível de troca. Ou seja, a alienação do trabalho concreto já se apresenta como fonte de criação do valor. Ainda no primeiro capítulo, o tema do fetiche encerra a apresentação da mercadoria, esta “coisa trivial cheia de sutileza metafísica e manhas teológicas” que esconde o trabalho social que a cria.

Assim, Marx demonstra, em *O capital*, desde a apresentação da mercadoria, que o sistema de produção constituído pelo trabalho abstrato corporifica uma nova forma de dominação social⁸ na qual os indivíduos são compelidos a produzir e trocar para sobreviver sem que sejam obrigados a isso por alguém diretamente. Ou seja, trata-se de uma forma de dominação impessoal por meio da qual a sociedade se estrutura para produzir as coisas necessárias para a manutenção da existência dos homens. Por isso, como Marx chama a atenção nos *Manuscritos 1861-3*, para compreender a sociedade capitalista “é preciso partir do valor e não do trabalho” (MARX, 2010, p. 45). Pois é o valor que revela a especificidade desta forma social que se estrutura a partir da alienação do trabalho.

A categoria da alienação, assim considerada, não aparece em *O capital* em um ou outro momento, mas se constitui como eixo estruturante de toda a obra. Pode-se dizer que tanto em *O capital* quanto nos *Manuscritos de 1844* Marx mostra que o trabalho no capitalismo gera uma estrutura de organização produtiva que domina o próprio trabalho. Aqui como lá, é o trabalho alienado que gera a propriedade privada. A questão, portanto, que sustenta a atual forma de organização e dominação social é o próprio modo como o trabalho se exerce. Neste sentido, a alienação do trabalho é o centro de toda a abordagem de *O capital* por ser a categoria que especifica esta forma social.

Marx parte da mercadoria para revelar o papel do trabalho alienado na formação social capitalista porque a mercadoria é a objetivação mais evidente da forma capitalista de produção. Mas, no caminho de sua constituição, o autor se depara com as mesmas condições gerais, independentes da forma social, apresentadas nos *Manuscritos de 1844*.

⁸ No livro *Tempo, trabalho e dominação social* (2014), Moishe Postone compreende o capitalismo como um “sistema constituído pelo trabalho abstrato” que “corporifica uma nova forma de dominação social que exerce uma forma de compulsão social cujo caráter objetivo é historicamente novo” (POSTONE, 2014, p. 186). Como em sua análise há pontos polêmicos que mereceriam uma atenção maior – e não é o caso de nos dedicarmos a eles neste momento –, sua abordagem não será desenvolvida no presente artigo.

Assim, após exibir a mercadoria no Capítulo I, ele apresenta o processo de troca no Capítulo II e o dinheiro ou a circulação das mercadorias no Capítulo III, completando, assim, a Seção I, que dá início à desmistificação dessa “coisa cheia de sutilezas metafísicas e manhas teológicas”. Dedicou uma seção a um único capítulo para esclarecer como o dinheiro se transforma em capital (Capítulo IV). A partir daí inicia, de fato, a explanação de como se produzem as tais mercadorias e o primeiro momento dessa exposição é a apresentação do processo de trabalho independente da forma social em que ele ocorre. Na primeira parte do Capítulo V (“O processo de trabalho e o processo de valorização”) o capitalista não está presente, nem a separação do produtor de suas condições de trabalho. Ao contrário, assim como nos *Manuscritos de 1844*, o que se apresenta como característico do processo de trabalho é o metabolismo entre o homem e a natureza, pelo qual o homem transforma a si mesmo ao transformar a natureza externa a ele.

O caráter geral do trabalho, portanto, não é o ponto de partida, mas está presente na análise do valor, pois é a unidade do processo de trabalho e do processo de valorização que constitui o processo de produção capitalista. Nos *Manuscritos 1861-3*, exatamente tratando dessa unidade, Marx retoma os mesmos termos dos *Manuscritos de 1844*. Diz ele:

Na mesma medida em que o trabalhador atua como trabalhador, em que exterioriza [*äussert*] sua capacidade de trabalho, ele a aliena [*entäussert*], uma vez que antes de o processo de trabalho começar ela já está vendida [*Veräussert*] ao possuidor do dinheiro. Como o trabalho se efetiva – de um lado, como forma da matéria-prima (como valor de uso do produto), de outro, como valor de troca, trabalho social objetivado em geral, o trabalho se transforma de trabalho em capital. (MARX, 2010, p. 109)

Novamente, aqui, a exteriorização [*äussert*] se identifica com a alienação [*entäussert*] na produção capitalista, na qual o processo de trabalho e de valorização formam uma unidade. A alienação está presente desde o início porque a capacidade de trabalho já entra no processo por meio da relação de venda. Desse modo, o próprio trabalho se transforma em capital.

No Capítulo II de *O capital*, “O processo de troca”, Marx chama a atenção para o fato de que as

coisas são, por si mesmas, exteriores [*äusserlich*] ao homem e, por isso, são alienáveis [*veräusserlich*]. Para que essa venda [*Veräusserung*] seja mútua, os homens necessitam apenas se confrontar tacitamente como proprietários privados daquelas coisas alienáveis e, precisamente por meio delas, como pessoas independentes umas das outras. No entanto, tal relação de alheamento [*Fremdheit*] mútuo não existe para os membros da comunidade naturalmente-espontânea, tenha ela a forma de

uma família patriarcal, uma comunidade indiana antiga, um estado inca (MARX, 2013, p. 162).

Esse estranhamento é, portanto, característico da organização produtiva capitalista, na qual o caráter exterior das coisas transforma-se em suporte para que a venda apareça como única relação possível entre os produtos humanos e os homens. Mas, como esclarece Marx, tal estranhamento não existe em outras formas sociais. Ele não é, portanto, inerente às próprias coisas, mas a um momento específico da produção social, na qual a própria capacidade de trabalho aparece como algo exterior e, portanto, venal.

No Capítulo IV de *O capital*, Marx esclarece os termos da negociação da força de trabalho no mercado:

O seu valor [da força de trabalho], como o de qualquer outra mercadoria, estava determinado antes de ela entrar em circulação, pois determinado *quantum* de trabalho social havia sido gasto para a produção da força de trabalho, mas o seu valor de uso consiste na exteriorização posterior dessa força [*Kraftäusserung*]. Por isso, a alienação [*Veräusserung*] da força e a sua verdadeira exteriorização [*Äusserung*], ou seja, a sua existência como valor de uso, se separam no tempo. Mas em tais mercadorias, em que a alienação [*Verräusserung*] formal do valor de uso por meio da venda e sua transferência efetiva ao comprador não são simultâneos, o dinheiro do comprador funciona, na maioria das vezes, como meio de pagamento. (MARX, 2013, p. 248)

Tanto a produção quanto o consumo da força de trabalho, portanto, acontecem fora do mercado, fora da esfera da circulação. Mas é nessa esfera que os momentos da atividade se encontram para realizar o processo produtivo. Em *O capital*, como nos *Grundrisse de 1857-8*, Marx salienta a superioridade da forma capitalista em relação a formas de produção anteriores exatamente pela ampliação da produção possível a partir da separação entre produtores e produto. Ele afirma no Capítulo III de *O capital*:

A circulação rompe as limitações temporais, locais e individuais do intercâmbio de produtos precisamente porque parte da identidade imediata que existe aqui entre a alienação do próprio produto de trabalho e a aquisição do alheio, na antítese entre venda e compra (...). Como mediador da circulação de mercadorias, o dinheiro assume a função de meio circulante. (MARX, 2013, p. 188)

É a partir desta função do dinheiro que o trabalho, os homens, os produtos humanos circulam mundo afora com o objetivo de criar mais valor.

A superioridade do capitalismo em relação a formas de produção anteriores se evidencia também em outros escritos, especialmente nos

esboços de 1857-8. De forma geral, os rascunhos de Marx, diga-se de passagem, são momentos esclarecedores para os estudiosos que acompanham suas reflexões, pois neles o autor expressa abertamente suas convicções, sem os constrangimentos formais da apresentação científica. Em relação às categorias investigadas neste artigo, há de se notar que elas retornam aos *Grundrisse* de forma aberta, diferentemente do que ocorre em *O capital*, apesar de nos momentos em que trata da venda da força de trabalho os termos aqui pesquisados aparecerem explicitamente.

Nos rascunhos de 1857-8, numa passagem em que diferencia o escravo do trabalhador livre, Marx escreve⁹:

como escravo, o trabalhador tem *valor de troca*, um *valor*, como trabalhador livre não tem *nenhum valor*; só tem valor a disposição sobre seu trabalho, obtida por meio da troca com ele. O trabalhador se defronta com o capitalista não como valor de troca, mas é o capitalista que se defronta com ele como valor de troca. A sua ausência de valor, a sua desvalorização são o pressuposto do capital e a condição do trabalho *livre* de modo geral. Liguett a considera um retrocesso, ele esquece que, desse modo, o trabalhador é formalmente posto como pessoa que ainda é algo por si fora [*äusser*] do trabalho e que só aliena [*veräussert*] sua expressão vital [*Lebensäusserung*] como meio para sua própria vida. Sempre que o trabalhador enquanto tal tem valor de troca, o capital industrial enquanto tal não pode existir e, portanto, de forma alguma pode existir o capital desenvolvido (MARX, 2011, pp. 226-7; 1974, p. 214).

A exteriorização da vida [*Lebensäusserung*] assume aqui um significado muito mais preciso e concreto do que aquele presente nos *Manuscritos de 1844*. Trata-se das energias físicas e mentais do trabalhador que são vendidas temporariamente, enquanto capacidade de trabalho, para o capitalista, o que significa que “ele [o trabalhador] pode reiniciar a troca tão logo tenha ingerido a quantidade suficiente de matéria para poder reproduzir de novo sua expressão vital [*Lebensäusserung*]” (MARX, 2011, p. 228; 1974, p. 215). Tal compreensão tornou-se possível porque nos 13 anos que separam os dois rascunhos, o de 1844 e o de 1857-8, Marx desenvolveu a diferenciação entre *trabalho* e *força de trabalho*. E assim pode dizer que o que é vendido é uma parte da capacidade de trabalho por um tempo determinado e não o trabalho enquanto tal. Nas palavras de Marx:

O que o trabalhador livre vende [*verkauft*] é sempre só uma medida, determinada, particular de manifestação de energia; acima de toda manifestação [*Äusserung*] particular está a capacidade de trabalho como totalidade. O trabalhador vende a manifestação de força [*Kraftäusserung*] particular a um

⁹ As referências são da edição brasileira da Boitempo (MARX, 2011), cotejadas com a edição alemã (MARX, 1974).

capitalista particular, com quem se defronta como indivíduo *independente*. (MARX, 2011, p. 381; 1974, p. 367).

Novamente buscando identificar a especificidade do trabalho livre, Marx mostra que o trabalhador sob a escravidão “é, na totalidade das exteriorizações de suas energias, como capacidade de trabalho, uma coisa pertencente a outro, e não se o reconhece como sujeito quanto às manifestações de sua energia determinada ou à ação de seu trabalho vivo”. Em contraposição, “a capacidade de trabalho aparece diante do trabalhador livre como sua propriedade, como um dos momentos sobre o qual ele exerce o domínio como sujeito e que ele conserva ao alienar [*veräussert*]” (MARX, 2011, p. 382; 1974, p. 377). Marx, portanto, resgata nos *Grundrisse* a mesma preocupação com a *Lebensäusserung* – exteriorização da vida – que se vende – *veräusserten*, na qual o trabalhador ao mesmo tempo se perde e se conserva. A venda é expressa com maior frequência pelo verbo *verkaufen*, enquanto *Veräusserung* é utilizado cotidianamente no sentido de penhora, empenho, ceder em troca de algo com a possibilidade de resgate, que é a ideia que Marx pretende desenvolver na passagem acima.

Nos *Grundrisse*, portanto, além de reencontrar a compreensão da exteriorização da vida que é cedida em troca de algo com a possibilidade de retorno, Marx novamente situa a contraposição entre a objetivação e as formas estranhadas de atividade. Ele é claro ao tratar do trabalho assalariado, na citação que se segue:

A tônica não recai sobre o *ser-objetivado* [*Vergegenständlichkeitsein*], mas sobre o *ser-estranhado*, *ser-alienado*, *ser-venalizado* [*Entfremdet-Entäussert-Veräussertsein*] – o não pertencer-ao-trabalhador, mas às condições de produção personificadas, isto é, ao capital, o enorme poder objetivado que o próprio trabalho social contrapõe a si mesmo como um de seus momentos. Na medida em que, do ponto de vista do capital e do trabalho assalariado, a geração desse corpo objetivo da atividade se dá em oposição à capacidade de trabalho imediata – esse processo de objetivação aparece “de fato” como processo de alienação [*Entäusserung*], do ponto de vista do trabalho, ou de apropriação do trabalho alheio [*fremd*], do ponto de vista do capital –, tal distorção ou inversão é *efetiva* e não *simplesmente imaginada*, existente simplesmente na representação dos trabalhadores e capitalistas. Mas, evidentemente, esse processo de inversão é simplesmente necessidade histórica, pura necessidade para o desenvolvimento das forças produtivas a partir de um determinado ponto de partida histórico, ou base histórica, e de maneira nenhuma uma necessidade absoluta da produção; ao contrário, é uma necessidade evanescente, e o resultado e o fim (imane) desse

processo é abolir, assim como essa forma do processo. (MARX, 2011, p. 705-6; 1974, p. 721)¹⁰

A longa citação não deixa dúvidas quanto ao caráter da alienação como atividade que se realiza por meio da venda. Mas Marx avança em relação aos *Manuscritos* ao identificar que, em situações históricas específicas o processo de objetivação aparece, “do ponto de vista do trabalho”, de fato, como alienação. Deixa claro, desse modo, que se trata de uma aparência circunstancial e não de algo inerente ao processo de objetivação. E delinea mais um traço específico do movimento: esse processo manifesta-se de modo distinto para o trabalho e para o capital. Para o primeiro aparece como alienação [*Entäusserung*] e para o segundo como apropriação do trabalho estranho [*fremd*]. Assim, mais uma vez aqui, como nos *Manuscritos*, a alienação [*Entäusserung*] forma um complexo unitário com o estranhamento [*Entfremdung*] e com a venda [*Veräusserung*], e não com a objetivação.

A citação acima aponta para a produção para além do capital e com ela encerramos esta exposição, sem concluí-la, mas deixando em aberto o caminho para a reflexão acerca das novas possibilidades de organização da vida que se apresentam a partir da mercadoria e da alienação da atividade.

Referências bibliográficas

ALCKMIN, Rodrigo Maciel. *Marx e Feuerbach: da sensibilidade à atividade sensível*. 2003. Dissertação (Mestrado) apresentada à Fafich/UFMG, Belo Horizonte, 2003.

CHASIN, J. *Marx: estatuto ontológico e resolução metodológica*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

HALLAK, Mônica. A exteriorização da vida nos *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*. *Ensaio Ad Hominem*, São Paulo, Estudos e Edições Ad Hominem, n. 1, t. IV (Dossiê Marx), 2001.

¹⁰ Este trecho foi reproduzido por Mészáros não só para mostrar “como estão errados os que afirmam ter a ‘alienação’ desaparecido das obras posteriores de Marx, mas também que sua abordagem desses discutidos problemas é essencialmente a mesma dos *Manuscritos de 1844*” (MÉSZÁROS, 1981, p. 203). Netto mais uma vez concorda com Mészáros, quando afirma: “O que vai surgir, a partir de 1857-1858, é justamente aquilo que assinala a distinção entre a *Miséria da filosofia* e os *Manuscritos de 44*: a concretização histórica na reflexão de Marx. A teoria da alienação perderá qualquer traço de generalidade especulativa – não será uma *nova* teoria, mas uma concepção que só adquire instrumentalidade quando extraída de análises históricas determinadas. Na verdade, a teoria da alienação é qualitativamente a mesma; é a sua *função* que se transforma quando Marx completa a superação filosófica em 1857-1858. Em síntese: quando a crítica da economia política é situada por Marx como a operação teórica central e levada a cabo com radicalidade, dá-se a concretização teórica da concepção da alienação.” (NETTO, 1981, p. 67)

- MARX, K. *Manuscrits de 1844 (Économie politique e philosophie)*. Trad. Émile Bottigelli. Paris: Ed. Sociales, 1972.
- _____. *Grundrisse der Kritik der Politischen Ökonomie*. Berlim: Dietz Verlag, 1974.
- _____. *Ökonomisch-philosophische Manuskripte aus dem Jahre 1844*. Berlin: Dietz Verlag, 1985.
- _____. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.
- _____. *Para a crítica da economia política*. Manuscrito de 1861-1863/cadernos I a V. Capítulo III – O capital em geral. Trad. Leonardo de Gomes Deus. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.
- _____. *Grundrisse*. Trad. Mario Duayer e Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.
- _____. *O capital*. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MÉSZÁROS, I. *Marx: a teoria da alienação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- NETTO, J. P. *Capitalismo e reificação*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1981.
- POSTONE, M. *Tempo, trabalho e dominação social*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- SÈVE, L. *Marxismo y teoria de la personalidad*. Buenos Aires: Amorrortu, 1972.
- _____. *Análises marxistas da alienação*. Lisboa: Edições Mandacaru, 1975.

Como citar:

HALLAK, Mônica. *Alienação do trabalho em Marx: dos Manuscritos de 1844 a O capital*. *Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas*, Rio das Ostras, v. 24, n. 1, pp. 58-73, abr./2018.

Data de envio: 27/8/2017

Data de aceite: 3/11/2017